



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

MILENA MAGALHÃES TEIXEIRA DE FREITAS

**O QUE AS CRIANÇAS APRENDEM COM O QUE VÊM NA TV? UMA
RELEXÃO SOBRE AS REPRESENTAÇÕES CONSTRUÍDAS POR CRIANÇAS
ATRAVÉS DA TELEVISÃO.**

Salvador
2008

MILENA MAGALHÃES TEIXEIRA DE FREITAS

**O QUE AS CRIANÇAS APRENDEM COM O QUE VÊEM NA TV?
UMA RELEXÃO SOBRE AS REPRESENTAÇÕES CONSTRUÍDAS POR CRIANÇAS
ATRAVÉS DA TELEVISÃO.**

Monografia apresentada ao Programa de Graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof. ^a Alessandra Assis

Salvador
2008

“Dedico este trabalho a todos aqueles que acreditaram em mim e que me apoiaram nesta trajetória”.

AGRADECIMENTOS

*“Por mais que eu procure não
encontro palavras que
possam expressar a minha
sincera gratidão!”
Mokite Okada*

Agradeço primeiramente a Deus e a Meishu-Sama. Carinhosamente aos meus pais, Augusto e Lia, que são o meu exemplo de luta e determinação diante dos obstáculos da vida e que me deram o que tenho de mais precioso, a vida e os princípios que regem minhas ações. As minhas tias Odília e Rosa que na hora que mais precisei estavam ao meu lado. A uma amiga especial, Juliana, que muito me ajudou. A Paulo por todo incentivo e amor. A minha orientadora, Prof^a Alessandra, que muito me ajudou e principalmente pela sua paciência. E também agradeço, de todo o coração, a todos que fizeram parte de minha caminhada e que hoje, certamente, já fazem parte de minha história! Familiares, amigos, professores, conhecidos, muito obrigada.

“Todas as pessoas grandes já foram crianças - mas poucas se lembram disso.”

(Antonie de Saint – Exupéry, O Pequeno príncipe, 2006)

RESUMO

Este trabalho visa apresentar os resultados e as reflexões decorrentes de um estudo acerca do que as crianças pensam sobre o que aprendem na televisão, realizado através da aplicação de questionários, entrevistas e observação direta, com base nos princípios da pesquisa qualitativa. Apesar das críticas que os educadores fazem à televisão o estudo indica que não há passividade da criança diante da TV, apontando elementos dessa relação que suscitam a reflexão sobre o papel do professor enquanto mediador dos conteúdos veiculados pela mídia cuja tarefa inclui desenvolver ações educativas que promovam um diálogo crítico reflexivo sobre a relação entre a mídia televisiva e a construção da visão de mundo, de senso de identidade, gênero, classe, raça, sexualidade feita pela criança.

Palavras-Chave: televisão, passividade, reflexão, educação, escola.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
2	A MÍDIA HOJE	4
3	METODOLOGIA	10
4	O MUNDO MÁGICO DA TELEVISÃO PELAS CRIANÇAS	13
4.1	ASSISTINDO TELEVISÃO COM ELAS...	13
4.1.1	O USO EM FAMÍLIA	14
4.1.2	A RELAÇÃO ENTRE A TELEVISÃO E A INTERNET	15
4.1.3	O MITO DA IMOBILIDADE E DA PASSIVIDADE	17
4.2	O QUE ELAS PENSAM SOBRE A TELEVISÃO?	20
5	CONCLUSÃO	25
	REFERÊNCIAS	30
	ANEXO	32

1- INTRODUÇÃO

Quando ingressei no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia trouxe comigo muitas expectativas diante do novo. Me perguntava o que viria a partir dali. Muitas foram as surpresas diante das discussões, da diversidade de culturas, conhecimentos, informações que se colocavam a minha frente. Percebi o quão superficial eram os conceitos que trazia de educação, sociedade, cultura, economia, história, etc. Refazendo minha leitura de mundo, associando as experiências que trazia comigo e estes novos dados comecei a repensar, construir e reconstruir os significados, definições que dava as coisas, fatos, situações, relações, etc. Desde então procuro lançar um olhar mais crítico sobre os fenômenos que ocorrem à minha volta, procurando reorientar minha prática como educadora.

Na busca de refletir sobre a sociedade para contribuir de maneira mais efetiva com a formação de indivíduos críticos capazes de construir sua história, inquietações começaram a surgir. Percebi que crianças manifestavam espontaneamente em suas brincadeiras alguns termos, assuntos, comportamentos, idéias veiculadas pela televisão. Também traziam nas roupas, no modo de falar, no material escolar, nos brinquedos, em alguns gestos, a representação de conteúdos e personagens, conforme os valores trazidos pela televisão. Certamente essas ocorrências estariam relacionadas com o fato da televisão ter uma presença marcante nos lares brasileiros, sendo considerado como uma fonte de entretenimento e de informação praticamente indispensável na vida das pessoas de diferentes idades e classes sociais.

Diante dessa realidade algumas questões se impõem: Em que momentos as crianças encontram a oportunidade de refletir sobre os discursos midiáticos? Em que medida a educação que recebem abre espaço para o diálogo sobre o que aprendem com a TV? Qual o papel da televisão no processo de socialização dos indivíduos nos dias de hoje? Qual a relação que a criança estabelece entre a televisão e seu aprendizado? Refletir sobre tais questões me pareceu fundamental

para sinalizar a importância de inserir ações educativas na escola que gerem reflexões acerca da complexa relação dos meios de comunicação de massa, nesse caso específico a televisão na sociedade contemporânea.

Assim procurei percorrer os trabalhos de alguns teóricos que tratam dos meios de comunicação de massa, da influência da mídia na formação das crianças, das práticas pedagógicas críticas. Tive acesso aos textos de Joan Ferrés, Ciro Marcondes Filho, Tânia Porto, Douglas Kellner, Rosália Duarte, Rezende, Itania Gomes, entre outros. Essa revisão de literatura possibilitou o contato com idéias fundamentais que ajudaram na construção de um lastro teórico para o estudo.

Com o intuito de compreender o que algumas crianças pensam sobre o que vêem e aprendem com a TV realizei uma pesquisa qualitativa. Para isso utilizei como instrumentos de investigação a aplicação de questionários que traziam perguntas para verificar o que elas pensam sobre o que vêem na TV e a observação direta e participativa com crianças em momentos que assistiam televisão em suas residências. Os dados coletados com esse processo foram de valor inestimável para a análise pretendida.

Os resultados do estudo trouxeram contribuições para compreender o que as crianças pensam sobre a TV. É possível afirmar que as crianças não são passivas diante das informações veiculadas pela TV, que pensam sobre o que vêem. Assim, o estudo buscou uma alternativa à discussão sobre os supostos impactos da TV na mente da criança, concentrando-se no que ela pensa sobre a televisão e o que aprende em termos de conhecimento, informação e conteúdos.

Os resultados também contribuíram para a reflexão sobre as mediações possíveis de serem realizadas pelo professor. É necessário que este profissional esteja atento a esta revolução contínua que a mídia, neste caso televisiva, está proporcionando, aproveitando o que as crianças aprendem e colaborando com uma aprendizagem escolar que favoreçam a sua formação como sujeitos capazes de fazer uma leitura crítica e criativa da realidade.

Então, o estudo alerta para os equívocos comuns que ocorrem na prática pedagógica bem como dá subsídios para a sua superação. Está claro que a questão não é apenas ensinar as crianças a manusear os aparelhos tecnológicos, nem simplesmente transpor o aparelho de TV para a sala de aula. Também não se trata de “fazer de conta” que a televisão e sua programação estão fora das paredes da escola, nem reforçar ou reproduzir a idéia de que a televisão é um instrumento de lazer e entretenimento “inocente”, ignorando a experiência das crianças através do seu silêncio.

Dessa maneira o meu objetivo com este trabalho é sinalizar a importância do professor em aproveitar as experiências e aprendizagens adquiridas pelas crianças através dos conteúdos televisivos. Por isso é fundamental saber como as crianças utilizam o que aprendem na televisão para a construção de conhecimento e da visão que têm do mundo e de si mesma. Essa compreensão irá contribuir com a utilização deste instrumento de maneira consciente, crítica e reflexiva mesmo nas relações na família, de lazer, com os amigos, na produção de conhecimento e nas futuras relações de trabalho. Nesse sentido, o professor precisa conhecer a cultura da mídia televisiva e utilizar o que ela veicula em sala de aula, no processo de ensino aprendizagem, considerando que a televisão possui esse “caráter mágico” e que transpor isso para sala de aula certamente contribuirá para o enriquecimento das aulas, desde que os conteúdos sejam selecionados criteriosamente.

Imagens, sedução, cultura, informação, entretenimento, prazer, sonhos, desejos, temores, entre outras, permeiam o imaginário das crianças, e a televisão é uma fonte rica e acima de tudo prazerosa fonte de conhecimento, de aprendizado. O que a criança pensa e aprende sobre a televisão e como reflete em sua realidade são algumas das questões discutidas neste trabalho. Mais que isso, tais reflexões são essenciais para enriquecer os novos horizontes que se abrem nesse momento de conclusão do curso de Pedagogia e ingresso nos espaços de aprendizagem coerentes com uma profissional de educação comprometida com a qualidade de ensino oferecido às crianças.

2- A MÍDIA HOJE

Rádio, cinema, televisão e internet. Os avanços que a tecnologia promoveu nos meios de comunicação trouxeram transformações em todos os campos sociais. Se por exemplo um pequeno evento era noticiado apenas em um país, hoje essa notícia pode ultrapassar fronteiras e se tornar notícia mundial. Se antes um acontecimento levava dias ou meses para chegar ao conhecimento da população, hoje, principalmente com o advento da internet e da comunicação via satélite, essa informação chega até as pessoas de forma quase instantânea.

A tecnologia avança e promove mudanças que podem acontecer a curto ou longo prazo, podem ter pequenas ou largas proporções, mas que certamente mexem nas relações que os homens têm com o seu meio e com as representações que ele faz de si, do outro e de seu mundo.

Na sociedade capitalista os meios de comunicação incitam ainda mais o consumo e veiculam valores e modelos de comportamento (de beleza, de elegância, do jeito de falar, de andar, de vestir, de alimentação, de se relacionar com os outros, em vários campos da vida), visando atingir interesses mercadológicos, políticos, sociais, ideológicos, etc.

Além de entreter, também servem para informar as pessoas, para veicular valores e supostos modelos de comportamento, do mesmo modo que outros meios de comunicação como a literatura, o teatro já realizavam. Entretanto a rapidez e a quantidade com que as informações e as imagens circulam, a extensão em escalas mundiais que elas atingem é o que mais marca a mudança das relações do homem com os meios atuais. Como consequência a quantidade das informações cresce gradativamente e o tipo e qualidade desta variam relativamente.

O fato é que atualmente as crianças estão inseridas nessa realidade em que as informações (sejam elas visuais, auditivas, emotivas, ideológicas, etc.) chegam a todo o momento, desordenadamente, e participam de alguma maneira no

processo de formação da sua personalidade, na sua socialização, enfim na construção do olhar que vai ter sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o mundo ao seu redor. E a televisão tem um papel fundamental nisso.

Televisão! Um campo de força luminosa, visual e auditiva, que seduz quem quer que seja, adultos ou crianças. É um instrumento de lazer, entretenimento de baixo custo, o que favorece o acesso de grande parte da população. Permite ao espectador aflorar suas emoções, o êxtase diante do belo e a conquista mesmo que temporária de seus desejos e sonhos por meio da sua imaginação. Ou seja, um espetáculo ao alcance das mãos de quem vê sendo considerada como “um fenômeno social de maior importância em nosso século. Já comparada à prensa de Gutemberg [...]”. (REZENDE, 1989, p.7). A televisão chegou aos lares por volta da década de 50, após a segunda guerra mundial. Na prática trouxe cultura, informação, lazer, diminuiu a distância entre os povos, trouxe a universalização da cultura iniciada pela imprensa. Hoje, esta presente na maioria das residências, independente da classe social, como afirmam os dados da Pesquisa Nacional por amostras de Domicílio (IBGE, 2006) em que indica a presença de no mínimo um aparelho de TV em 90,3% dos lares brasileiros, superando por exemplo o número de refrigeradores presentes em 87,8% dos lares. Instalada na intimidade dos lares, a televisão apresenta modelos de comportamento e valores, bom como induz ao consumo.

Alguns autores, tentam explicar essa expansão da Tv nas sociedades. O fato de ter se tornado um utensílio indispensável na maioria dos lares justifica-se pelo baixo custo para a sua aquisição, pela aparente gratuidade como meio de entretenimento, pela facilidade de instalação, pela necessidade de isolamento das famílias promovida pela violência dos centros urbanos, por servir como “babá eletrônica”. Também por atender as exigências psíquicas dos telespectadores advindas do trabalho realizado fora de casa, por ser um instrumento que ajuda as pessoas a se desligarem da realidade e também pela pouca exigência de “instrução” e cultura da população. Nesse caso, mesmo aqueles que não foram alfabetizados têm plena condição para consumir os conteúdos que são

transmitidos e acompanhar sua programação, diferente de um livro ou de acessar a internet, por exemplo, que exigiria do indivíduo o mínimo de conhecimento técnico e de letramento.

Entretanto, há controvérsias sobre essas explicações. Alguns ponderam que expectativas como as trazidas pelo surgimento da televisão cumpriram-se parcialmente, pois para a idéia de universalização da cultura existe o fato de que elas estavam e ainda estão vinculadas aos interesses de grupos e conseqüentemente a programação de cada país em específico. Como meio de entretenimento para as famílias que se isolam em seus lares e assim se protegem da violência dos centros urbanos e para os pais que tem uma jornada de trabalho intenso e utilizam-na como “baba eletrônica”, ela trouxe em alguns casos o decréscimo da atenção que os membros da família dispensavam aos demais, trouxe também pequenas “disputas” suscitadas pelo fato de alguém não aceitar a programação, contribuiu em alguns casos com a diminuição das horas destinadas ao sono, como também favoreceu com a ociosidade decorrente da imobilidade que assistir televisão por várias horas produz.

Um consenso neste debate é a capacidade que a televisão possui de envolver o telespectador, de como ela mexe com os desejos, os sonhos, os anseios guardados no imaginário das pessoas. Quem nunca foi levado às margens da emoção, ou ficou indignado ao ver um crime, ou sorriu ao ver uma cena humorística, ou chegou a sentir medo ao ver um filme de terror, ou saiu às compras mesmo sem precisar porque um produto foi anunciado numa promoção “imperdível” após ver um programa na Tv? Assim, muito além das mudanças nas relações do homem com a televisão estão as “influências” que a televisão promove veiculando ideologias, modos de vida, modismos, através de sua programação. Sobre isso MARCONDES afirma que “os meios de comunicação atuam sobre as necessidades já existentes no ser humano”. (1998, p.42).

Se por um lado, para os adultos, a televisão trouxe algumas conseqüências por assisti-la em demasia e por outro diversificou as fontes de prazer e de

entretenimento, é fácil constatar então o que ela promoveu e promove no público infantil, e como mexe em seu imaginário. “Milhões de crianças no Brasil passam em média, quatro horas diárias diante de um aparelho de Tv. Tempo equivalente ao que passam na escola”. (REZENDE, 1989, p.4). Hoje em 2008 dezoito anos após aos dados oferecidos por REZENDE este dado não mudou muito. É fácil constatar que a maioria das crianças brasileiras ainda assistem televisão por várias horas diárias. Certamente esse consumo infantil irá interferir de alguma maneira na representação que a criança formará da realidade.

É sabido que o processo de socialização e de formação da personalidade de uma pessoa se dá na primeira infância no seio da família e posteriormente na escola como instituição de formação. Acontece que com todo o progresso científico tecnológico esse processo recebe atualmente interferências de outras variáveis, que é o caso da televisão. Joan Ferrés (1998), afirma em seu livro *Televisão subliminar: socializando através de comunicações despercebidas* que antes os modelos de comportamento apresentados as crianças eram oriundos da própria família ou do seu meio imediato, mas agora esses modelos a observar foram incrementados pelos meios de comunicação de massa que são apresentados com um grande poder de atração.

Medos, desejos e valores são induzidos frequentemente mediante a observação de modelos. As reações e expressões emocionais dos modelos provocam reações excitações em seus observadores. No âmbito da aprendizagem por modelagem simbólica, a televisão adquire hoje uma relevância social sem comparação com nenhum outro meio de comunicação ao longo da história. Na primeira metade deste século a criança não tinha outros modelos além dos provenientes da própria família ou de seu meio mais imediato. Atualmente, e graças sobretudo aos meios de massas audiovisuais, a quantidade de modelos a observar se incrementou extraordinariamente. E, além disso, incrementaram-se as possibilidades de apresentar estes modelos com um grande poder de atração. (FERRÉS, 1998, p.53).

Os conteúdos que a televisão veicula são inúmeros, sejam nos filmes, nas telenovelas, desenhos infantis, propagandas publicitárias, etc. As imagens e sons

são de caráter fugaz e diluída. Toda criança em desenvolvimento necessita que as imagens e os sons tenham certa constância para que elas possam registrá-los em sua memória.

A rapidez tem se caracterizado como o símbolo desta nossa época. E a linguagem televisiva talvez seja seu maior emblema. Rápida, precisa, objetiva. [...] Em meio a tanta pressa, ficamos à vontade, isentos do compromisso de vê-los ou ouvi-los. Educados para a dispersão, construímos um outro olhar, calcado na intermitência, Dificultando a reflexão. (SALGADO, PEREIRA, SOUZA, 2005, p.2).

Sonia Soifer (1992) em um estudo psicanalítico feito sobre o impacto da TV na mente da criança afirma que o fato de uma criança assistir televisão por muitas horas, sem se interessar por outras atividades lúdicas, poderá gerar uma posterior dificuldade da criança em construir imagens e reconhecer os sons adequadamente, representando um prejuízo sério na organização dessa função intelectual. Além disso, crianças que ficam relativamente imóveis na frente do televisor por muito tempo, que não procuram outras atividades de lazer, atividades no lar, jogos, brinquedos, esportes, modelagem, leituras, que não se socializam com outras crianças terão conseqüências em desenvolvimento seja ele motor, cognitivo ou psíquico.

Este meio de comunicação tem contribuído de maneira gigantesca neste trânsito de informação, de imagens e de conhecimento. E esta para além de um simples eletrodoméstico. Porém a televisão esta aí, e independente das críticas que possam ser feitas a ela, é uma realidade que não vai mudar tão facilmente. Diante dela a criança vislumbra um mundo mágico, divertido, que a estimula e entretém facilmente. O que fazer diante deste quadro que se apresenta? Diante das inúmeras informações e imagens que chegam a todo o momento independente do estágio de desenvolvimento que se encontra a criança? Diante desta relação de aprendizagem por detrás do entretenimento que a televisão promove intencionalmente ou não?

Em recentes pesquisas realizadas por Duarte, Leite e Migliora (2007) afirmam que diferentemente do que se pode imaginar, nenhum indivíduo, adulto ou criança, do lado de cá da tela pode ser considerado em sua plenitude incapaz de construir suas próprias idéias, a criança pensa sobre o que vê na TV e aprende quando assiste televisão.

De uma certa forma existem sujeitos inteligentes, capazes de dialogar, de forma mais ou menos crítica, com enunciados que lhe são dirigidos, e de refletir, com diferentes níveis de criticidade, sobre o conteúdo das mensagens a que tem acesso. (DUARTE; LEITE; MIGLIORA, 2007,p.2).

Segundo estas autoras quando um leitor esta diante de um texto seja ele qual for, ele é capaz de interpretar o que lê. Diante das interpretações que faz no ato da leitura a partir de seu contexto, de suas experiências e de seus pressupostos. Transpondo isso, do texto literário para o texto audiovisual, para os meios de comunicação o espectador faz interpretações, articulam idéias daquilo que vêem em vários níveis de “concentração” e criticidade.

É evidente, porém que não se pode subestimar a capacidade que os meios de comunicação possuem de difundir ideologias e de sugerir condutas e comportamentos, mas isso não quer dizer que os telespectadores são passivos. Assim a criança que fica imersa na imagem e assiste televisão não é um receptor plenamente passivo, pois ela pensa sobre o que vê.

3- METODOLOGIA

Diante do que foi exposto anteriormente sobre a atuação, a influência da mídia na formação das crianças, do seu poder de sedução e da gama de informações, imagens trazidas por ela, foi de fundamental importância analisar através de uma observação e da aplicação de um questionário as relações destas crianças com os recursos audiovisuais disponíveis em seu meio e a partir daí verificar o que elas pensam sobre o que aprendem na televisão.

Levando isso em consideração foram selecionadas para uma observação duas crianças de sete e nove anos de idade do sexo feminino para serem observadas em suas residências por cerca de quatro horas diárias por uma semana. Para ter uma idéia do modo como elas assistem televisão, das suas reações, das suas indagações, ou seja, das relações que elas estabelecem com a televisão, a observação se fez necessária e a espontaneidade e naturalidade foi priorizada. Foi preciso que elas estivessem bem à vontade, em um ambiente familiar e que o observador também não fosse uma pessoa completamente estranha. Por isso a observação ocorreu em suas residências. A dificuldade em encontrar crianças nos critérios estabelecidos para a pesquisa limitou a observação a apenas duas crianças do mesmo sexo.

Para uma melhor análise seria necessário mais tempo de observação e um maior número de crianças para traçar um perfil mais próximo possível do real. Até porque fatores quantitativos e o nível social, meio social e sexo da criança influem diretamente nestes resultados.

O nível social da família que a criança esta inserida é determinante, porque vai definir, entre outras questões, o que ela tem de recursos audiovisuais e tecnológicos disponíveis em seu lar, tipo televisão a cabo, jogos eletrônicos, acesso a internet que está diretamente vinculada a detenção de um computador e telefone, etc. Não que isso prive as crianças a terem acesso à internet, pois estas podem ir a um centro específico, ou ter acesso em sua própria escola, mas

certamente a ausência de alguns recursos tecnológicos em seu lar vai mudar a relação dela com a televisão que é o objeto de estudo aqui. Quanto ao sexo da criança vai trazer tendências nas escolhas da programação feitas por elas promovidas pelas questões de gênero. No que se refere ao meio social que ela esta inserida vai também definir, por exemplo, a representação que as crianças trazem da sua realidade e conseqüentemente como será feita a reflexão do que a televisão veicula. Assim como Rezende (1989, p.19) afirma “[...] O ser humano sempre confere significado as mensagens que capta e, inegavelmente, seu contexto de vida é determinante.[...] A captação e interpretação das mensagens, por mais que a tevê as homogeneíze , passam pelas reais condições de vida do telespectador.”

Contudo, os indícios levantados na observação se tornaram fontes importantes de informação que contribuíram para as questões investigadas no trabalho.

A pesquisa foi realizada em duas etapas, a primeira foi uma observação exploratória para registrar os comportamentos verbais e não verbais (ex. levantar, sentar, brincar com outros objetos, etc.) e registrar também o contexto em que elas estão inseridas. A segunda etapa foi uma observação com intervenção realizada por um “participante observador”. Estas foram feitas em momentos que se fizeram necessárias durante ou depois do programa para um melhor esclarecimento de algumas questões levantadas por elas ou pelo participante observador.

Às crianças que foram observadas foram oportunamente fornecidas algumas informações básicas sobre as propostas. Foram informadas que elas teriam que escolher um programa de sua preferência e seriam tomadas notas sobre o que diriam para saber o que pensavam sobre o programa escolhido. Foi colocado para elas também que seria debatido o que assistiram logo após o termino do programa.

Para isso a pesquisa focalizou no tempo de audiência, nos conteúdos dos programas assistidos, nos formatos (programa de auditório, de entrevista, de

entretenimento, etc.), nos tipos de programa (filmes, novelas, desenho, minisséries, etc.), no uso em família, nas tecnologias de informação disponíveis na residência (TV a cabo, internet, DVD, etc.) ,na estrutura física (como estão dispostos as Tl's), no contexto social,/cultural/econômico, na Idade/sexo.

Também foram distribuídos questionários para 100 crianças entre 8 e 10 anos de idade de ambos os sexo que estão cursando a 3ª e 4ª série do ensino fundamental em instituições de ensino pública e particular. Este instrumento de pesquisa foi aplicado nas escolas ou por suas professoras ou pela coordenadora pedagógica, em alguns casos foi aplicado pelo pesquisador. O questionário aplicado possui nove questões, mais generalistas, para ver o que elas pensam sobre televisão. Ele foi aplicado individualmente para não haver influência na opinião entre elas.

As crianças que responderam aos questionários foram informadas apenas que o objetivo era saber o que elas pensavam sobre televisão.

O instrumento envolvia perguntas como: Você gosta de assistir televisão e por quê?, Você assiste televisão todo dia? Quanto tempo?, Quais os programas de televisão que você mais gosta?, Porque você gosta deste programa, o que tem que chama sua atenção?, O que você pensa dos programas de Tevê para crianças?,O que esta faltando na Tevê para crianças?,O que você acha da propaganda na Tevê?,O que você não gosta de ver na Tevê?,Se você pudesse fazer um programa só seu o que você faria? O que mudaria?

4- O MUNDO MÁGICO DA TELEVISÃO PELAS CRIANÇAS...

4.1 – Assistindo televisão com elas...

O objetivo da observação foi verificar alguns aspectos que envolvem a relação que as crianças estabelecem com a televisão quando estão assistindo sua programação. Segundo alguns autores as crianças assistem a televisão por algumas horas diariamente, porém não se diz como. Se são horas seguidas sem parar, ou se voltam para outras atividades, se dividem suas atividades segundo seus interesses na programação, se ficam “imóveis” totalmente atentas ao que se passa, se são passivas as informações que a televisão veicula, quais são as relações que estabelecem com os recursos disponíveis em seu lar como por exemplo a internet, como são estabelecidas as relações da família enquanto assiste TV , etc.

Esta pesquisa é de cunho qualitativo. Por conta disso esta investigação está baseada na coleta de dados descritivos mediante o contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo. Ela visa entender os fenômenos, segundo as perspectivas dos participantes da situação estudada e, a partir daí situar a interpretação dos fenômenos estudados. (NEVES, 1996, p.1)

Após convidar as meninas para assistirmos televisão juntas e conversarmos um pouco sobre o que vimos, elas se mostraram interessadas e empolgadas em participar e se colocaram a disposição para trazer esclarecimentos sobre a televisão e principalmente dos programas de que gostam. De início esse fato demonstrou que elas possuem a necessidade de expressar e discutir os conhecimentos, as informações e as experiências adquiridas através da televisão.

Através da observação foi possível constatar que elas pertencem a uma família de classe média. Os recursos disponíveis na residência delas são televisão a cabo, computador com acesso a internet banda larga, som, DVD, telefone. Todos eles encontram-se dispostos no mesmo ambiente, na sala principal da residência, o

que indica em primeiro lugar a integração entre os meios e a relevância que essas tecnologias têm para a dinâmica vivenciada nos lares.

4.1.1 - Uso em Família.

Foi muito interessante perceber a relação que as *crianças* estabelecem com seus pais e a televisão. A mãe das crianças observadas sabendo do objetivo da pesquisa, ficava inquieta quando percebia que elas não estavam interessadas em assistir a televisão chegando a dizer enquanto elas estavam na internet com as amigas: *“Já liguei a televisão vocês não vão assistir?”*, em outro momento que Luiza assistia desenhos no horário da sua novela ela disse: *“Você esta aproveitando né?! Aproveita que daqui a pouco acaba!”* se referindo ao fim da pesquisa. Isso demonstra que a presença do pesquisador interfere no campo.

Isso demonstra a relação de poder que existe entre os pais e as crianças e que a minha presença lá mesmo que aparentemente mínima interferiu na dinâmica da casa. A relação de poder, de autoridade dos pais se estabelece na casa quanto aos horários e a seleção dos programas. Quando os programas não são destinados ao público infantil quem define se elas podem assistir ou não é a mãe principalmente se forem de seu interesse, por exemplo, jornal, novelas, filmes. Mas em grande parte do tempo observado quem liga a TV são as crianças e a programação infantil quem escolhe são elas. Porém fica evidente que não havendo a possibilidade de assistir a programação de seu interesse as meninas acabam por acompanhar a mãe no programa em que ela assiste.

Um ponto interessante observado no período da pesquisa foi a ausência de diálogo entre a mãe e as meninas sobre o que estava sendo transmitido nos programas que elas assistiam. Pode-se notar uma despreocupação quando os programas são desenhos, novelas ou filmes voltados para o público infantil. Porém é justamente este silêncio que deve ser levada em consideração.

A falta de tempo, de paciência e disponibilidade promovida pela necessidade das famílias ingressarem no mercado de trabalho, o excesso de liberalismo que levam boa parte das crianças não terem um parâmetro para os limites das coisas, a falta de planejamento familiar existente que levam jovens a terem filhos prematuramente ou famílias terem muitos filhos, são fatores que podem favorecer a falta de atenção e diálogo com as crianças. Constata-se que em muitos momentos crianças sentem necessidade de perguntar, questionar sobre o que vêm, mas são silenciadas.

Se elas forem estimuladas nessa iniciativa e, melhor ainda, se forem levadas a interpretar aquilo que relatam, estarão exercitando, em excelentes oportunidades, a discussão, reflexão e reinterpretação do evento televisivo. Se elas não tem oportunidades sociais de refletir sobre as programações na tevê, deixam de exercitar grande parte de seu potencial de observação e verbalização. (REZENDE, 1989, p.21)

É necessário que as crianças encontrem momentos, espaços que possam colocar suas idéias, dividir suas experiências, que sejam instigadas, incitadas a reflexão, “que trata-se de um estranhamento que se refere a um distanciamento com relação ao que, na esfera do cotidiano, torna-se hábito uma conduta que não é julgada pelo pensamento reflexivo.” (SALGADO, PEREIRA e SOUZA.2005, p.9).

4.1.2 – A relação entre a Televisão e a Internet.

“De primeira assim como num espetáculo que se inicia a televisão exige um expectador contemplativo”.(MARCONDES, 1998). Antes de se iniciar um filme no cinema, ou quando se abrem as cortinas do teatro, o espectador se coloca numa posição contemplativa, atenta. Na medida em que o espetáculo vai dando andamento o telespectador permanece ou não nesta atitude de contemplação. Isso vai depender do contexto social, histórico e individual que este telespectador esta inserido.

Observando o contexto em que Luiza e Natália estão inseridas foi possível perceber a dinâmica que se estabelece entre elas e os meios de comunicação presentes na sua casa, principalmente entre a televisão e a internet. Vale ressaltar que o fato destes recursos estarem dispostos no mesmo espaço, na sala, contribuiu para verificar a integração e a dinâmica existente entre eles.

Ao observar Luiza e Natália foi constatado que elas não ficavam voltadas todo o tempo para a televisão. Quando as meninas perdiam o interesse pelo programa veiculado elas recorriam a outras atividades, e a principal delas era a internet. Normalmente deixavam a televisão ligada e se dirigiam ao computador que já estava ligado e a disposição delas na sala, com acesso livre à internet.

Outro ponto verificado foi que em alguns momentos as informações lançadas pela televisão não atendiam as suas curiosidades e necessidades. Por conta disso logo após o término do programa elas se dirigiam à Internet para complementá-las. Natália quando curiosa dos próximos acontecimentos da novela ou quando queria saber o horário em que vai passar o desenho de que ela gosta acessou a internet para pesquisar. Luiza também vai à internet em busca de jogos, imagens dos personagens dos desenhos de que gosta ou encontra nos sites de relacionamento a oportunidade de comentar, trocar idéias com as amigas sobre o que viu.

Foi possível perceber também que os desenhos mais assistidos no momento, seus personagens, as músicas divulgadas pela televisão ou som, filmes, novelas, os modismos, padrões de comportamento são reforçados com o uso da internet. Elas utilizam-na como fonte de pesquisa e como meio de socialização quando utilizam os sites de relacionamentos.

Outro dado interessante levantado foi perceber que o cansaço físico de quem realizou muitas atividades durante o dia, transforma o ato de ficar sentado, manusear o teclado, o mouse, realizar tarefas, decodificar ferramentas do computador se torne uma possível limitação, um impedimento para quem deseja utilizar o recurso como meio de entretenimento. Luiza quando chegou da escola

após atender suas necessidades primárias de alimentação, higiene, etc., e se dirigiu a Internet não permaneceu por muito tempo. Quando perguntada porque não queria mais usar a Internet ela respondeu: *"Não, estou cansada! Prefiro a televisão!"*. Neste caso a televisão foi mais atrativa.

4.1.3 – O mito da imobilidade e da passividade.

Qual a origem do mito da imobilidade? Alguns autores afirmam que a sedução que a televisão promove levam as crianças a ficar horas assistindo televisão *imóveis* recebendo *passivamente* os conteúdos da programação. A criança deitada e imóvel, consome tudo que aparece e absorve como uma esponja os conteúdos emitidos pela TV. Setzer (2003,p.137) afirma que "o telespectador fica fisicamente inativo. Os seus sentidos, trabalham somente a visão e a audição, mas de maneira extremamente parcial." E coloca ainda "os pensamentos estão praticamente inativos: não há tempo para o raciocínio consciente e para fazer as associações mentais já que os dois estão muito lentos." No seu texto ele afirma que a falta de movimento dos olhos quando o telespectador esta assistindo televisão indica um estado de desatenção num estado de sonolência e de semi-hipnose que o piscar das imagens, o ambiente de penumbra e a passividade física fazem com que o cenário seja semelhante a uma sessão de hipnose.

Mas ao observar Luiza e Natália pode-se perceber que estas crianças não assumem uma postura imóvel como se estivessem hipnotizadas, passivas física e cognitivamente. Quando elas assistem ao programa elas respondem através de atitudes, de gestos ou em alguns momentos através de palavras sobre o que esta sendo transmitido.

O fato de as crianças estarem aparentemente dispersas não quer dizer que nesse momento elas não estejam estabelecendo uma interação com a televisão e nem estejam pensando sobre o que vêem. Sobre isso Rezende coloca que num processo de comunicação as respostas dadas pelo receptor nem sempre são

verbais. “[...] Um gesto, um enfado, um balançar de cabeça, uma gargalhada, revelam a participação do receptor. Esses sinais ou dados devem ser percebidos pela fonte. Muitas vezes são respostas sutis [...]” (REZENDE, p.30,1989)

As respostas sutis foram dadas quando Luiza brinca com as mãos, com os cachorros e Natália responde quando mexe com as almofadas ou conversa sobre qualquer assunto. Ou então elas acessam a internet através do computador que fica localizado bem próximo da televisão, ou vão fazer um lanche, deixando a televisão ligada e retornando quando o programa volta a despertar seu interesse. Mesmo que seja o desenho de que elas gostam como é o caso de Pucca¹ em alguns momentos ele deixa de ser atrativo e elas não mais prestam atenção. Isso evidencia que elas não estão imóveis e nem passivas ao que estão vendo.

Segundo Itania Gomes (1995) esses momentos de alternância entre concentração e dispersão, de devaneio da criança diante da telinha, não denotam sua passividade, mas a forma como a criança se afirma enquanto sujeito no processo comunicativo. Nesse momento em que Luiza e Natália assistem a televisão, mas que mexem com outros objetos, brincam e conversam, elas como receptoras estão mental e fisicamente ativas em sua interação com a TV. Isso pode ser verificado quando na pesquisa de campo realizada por Gomes (1995) que a suposta desatenção de crianças se refere na verdade a capacidade seletiva daquilo que elas estão assistindo.

¹ Pucca é um desenho produzido na Coréia do Sul em parceria com a JETIX, uma marca da Disney. O desenho se passa na China.A personagem principal é Pucca (Puc-Ka), que é apaixonada por um ninja cujo o nome é Garu (Gaa-roo), que tenta desesperadamente evitar os avanços de Pucca. Há pouco ou nenhum diálogo nestes episódios em flash. As personagens são muito populares na Europa, na Ásia e na América do Sul. Informações extraídas do site:<<http://just-stranger.com/pucca/pucca/>>Em 16/04/2008 as 10:30 am.

Em uma pesquisa de campo sobre a recepção televisiva infantil identificamos que a criança tem uma recepção especialmente seletiva. Quando ela tem as condições, seja por amadurecimento intelectual, seja por dispor de outras opções de lazer, ela reage com a seleção da programação assistida. Quando não tem tais condições, ela encontra outros refúgios: em algumas crianças a dispersão aparece como uma forma muito especial de reagir à programação que não corresponde às suas necessidades. [...] Isso nos evidenciou que a relação da criança com a TV é muito mais complexa do que se imagina: a dispersão (considerada aqui como uma atenção flutuante) é um elemento constitutivo do modo como as crianças estabelecem uma interação com a TV. (GOMES, 1995)

Na programação televisiva a capacidade seletiva crianças observadas também pode ser projetada para os comerciais. Elas têm pouco interesse ou em alguns casos quase nenhum pelas propagandas. Durante o intervalo dos programas elas saíam do ambiente e buscavam outras coisas, ou então não prestavam atenção. Alguns comerciais que lhes chamavam a atenção não era por causa das propostas de vendas, que é o real objetivo dos comerciais, mas sim por causa da música, do enunciado curioso, criativo ou engraçado veiculado pela TV.

É importante ressaltar, assim como afirmam DUARTE, LEITE e MIGLIORA (2007), que de maneira alguma um espectador ativo tem necessariamente de estar atento, concentrado, refletindo profundamente sobre o que está vendo.

[...] A audiência outorga aos televisores ligados em casa uma atenção variável, que pode ser concentrada em alguns programas, pode ser mais auditiva que visual em outros e pode ser completamente distraída nos momentos em que o telespectador olha o televisor de passagem, apenas para tomar ciência do que está sendo exibido. [...] esta "atividade" não é criativa ou racional o tempo todo, e nem tem de ser: "pode referir-se a uma leitura criativa [...], mas pode também se referir ao processo mais trivial de fazer encaixar o texto em marcos ou hábitos familiares (DUARTE; LEITE; MIGLIORA apud SILVERSTONE, 1994, p. 253, tradução livre).

E colocam ainda que é necessário reconhecer que há atividade em diferentes graus na relação com a televisão, porém isso não significa afirmar uma total

autonomia do espectador (mesmo porque não se pode falar em autonomia absoluta em nenhuma instância da vida social). Não é preciso negar a atração exercida pela linguagem televisiva, nem, muito menos, subestimar sua capacidade de difundir ideologias e criar comportamentos para admitir que os telespectadores são sujeitos que pensam e que podem adotar formas mais ou menos criativas de lidar com o que vêem, o que não significa, em nenhuma medida, passividade. (DUARTE; LEITE; MIGLIORA 2007).

Assim pôde-se constatar, com a observação, que as meninas interagem com o meio mesmo que aparentemente não denotem total atenção ao programa do seu interesse. Ficou claro também que as reações das espectadoras diante do que estava sendo exposto não demonstram imobilidade e passividade na recepção das informações transmitidas pela televisão. Pois o que elas pensam sobre o que vêem na TV nem sempre são colocados através do diálogo, mas através de gestos e atitudes. Como por exemplo aderir a algum modismo, escolher a programação de seu interesse, selecionar os desenhos, achar graça diante de uma cena humorística, etc.

É importante reconhecer que a televisão possui um papel social e por isso mesmo ideológico e que realiza-o através da sutileza do entretenimento. Mas não convém afirmar que, diante do encantamento exercido pela televisão, os indivíduos nem mesmo as crianças não possuam a capacidade de pensar sobre o que vêem. Estas possuem cada uma de acordo com o seu contexto, e em vários níveis de criticidade, de complexidade, de atenção, de criatividade a condição de interpretar o que “lê” no que pode ser considerado como texto visual.

É necessário deixar claro também que apenas reconhecer que as crianças não ficam imóveis diante da televisão e que não recebem passivamente as informações veiculadas pela televisão, não quer dizer que não se deva propor uma discussão acerca dessas informações. Devem-se levantar questões que levem as crianças de acordo com o seu estágio de desenvolvimento a refletirem sobre esses mecanismos ideológicos, sociais, políticos, econômicos, culturais

mascarados através da “inocência” do entretenimento. Assim como afirma Kellner (2001,p.83), quando as pessoas aprendem a perceber o modo como a cultura da mídia transmite representações sejam elas de classe, gênero, raça, sexualidade, etc. capazes de influenciar pensamentos e comportamentos, são capazes de manter uma distância crítica em relação as obras da cultura da mídia e assim adquirir poder sobre a cultura em que vivem.

4.2 –O que elas pensam sobre a televisão?

Partindo de pressupostos teóricos que concluem que os indivíduos, inclusive as crianças do lado de cá da tela, são capazes de construir suas próprias idéias, cada um variando os níveis de criticidade e de complexidade. Os questionários aplicados objetivaram coletar dados para conhecer o que as crianças pensam sobre o que vêem na televisão.

Ficou claro após o levantamento dos dados dos questionários aplicados que todas as crianças assistem televisão todos os dias. Nenhuma delas fica sem assistir a televisão por um dia variando apenas o tempo de uso. Algumas assistem de 30 min a 6 horas diárias, mas a média ficou em três horas por dia. Algumas crianças responderam no questionário em horas ou em turnos o tempo que assistem a televisão, mas isso realmente deixa uma brecha para o fato de não se saber como eles chegaram a essa conclusão.

Mas qual o interesse delas pela televisão? 90% delas responderam “Assisto porque é divertido!” ou “Porque me distrai!”. A maioria delas encara a televisão como um meio de entretenimento, algumas ainda vislumbram a capacidade educativa que a televisão possui, mas como não encontram na programação programas que atendam as suas necessidades trazendo novos conhecimentos, variedades, curiosidades elas enxergam-na mais como um recurso informativo e de lazer mais do que educativo, apesar de reconhecerem seu potencial para. Pode-se constatar isso em algumas falas das crianças: “*Esta faltando na TV mais*

desenhos e programas educativos.”, “Mais coisas interessantes [sic] da natureza, dos animais.”, “Mais programas construtivos com variedades e curiosidades.”

Mas quando as crianças dizem que assistem televisão por que elas se divertem, ou se distraem, demonstra que elas não têm consciência do que as levam a assistir televisão. Se elas se distraem, se divertem não é o caso, mas a questão é o que levam elas a se divertirem e distraírem? A partir do contato das crianças com a televisão e outros meios de comunicação, estas seduzidas pela proposta de diversão e entretenimento vão adquirindo experiências e construindo conhecimentos, possivelmente sem um devido distanciamento crítico. É nesse momento que Joan Ferrés (1998) afirma que a TV socializadora se torna eficaz, pois se baseia no desconhecimento.

A socialização é um processo pelo o qual o homem interage com outros, desenvolve sua maneira de pensar, sentir e agir que são essenciais para sua participação eficaz na sociedade (FERRÉS, 1998). A televisão também contribui no processo de socialização dos indivíduos, pois ao assistir TV eles estabelecem uma interação com as inúmeras informações que ela veicula. Isto é, através das mensagens que ela veicula através de filmes, telenovelas, etc., sugere modismos, comportamentos, ideologias que contribuirão na construção das representações que homem vai ter de si, do outro e do seu mundo.

As imagens, sons, idéias que representam à sociedade consistem em ricos elementos, à disposição da criança para a sua cultura lúdica. Isto é a televisão apresenta-se, no mundo contemporâneo, como a principal fonte de suportes simbólicos para as brincadeiras infantis.(SALGADO, PEREIRA E SOUZA,2005, p.6)

Quando a televisão veicula através de novelas, filmes, etc. temáticas sociais que problematizam a vida cotidiana como valores de amor, de amizade, relações entre pais e filhos, de sexualidade, etc., disponibilizam para as crianças alternativas de pensar a realidade. Isso pôde ser evidenciado quando entre outras respostas uma das crianças respondeu que gostava de *“Todas as novelas, do Vídeo Show, da TV Globinho”* porque *“Você vê o que acontece na vida”*.

“Os interesses televisivos se baseiam fundamentalmente na capacidade de fascínio, de sedução, de ativação das emoções.” (FERRÉS, Joan, 1998, p.92). Então é de se esperar que a televisão tenha o seu papel socializador tão marcante nos dias atuais.

Porém deve-se estar atento sobre as alternativas de “pensar” a realidade oferecida pela televisão. Sabe-se que as representações da realidade veiculadas pela TV possuem por de trás do entretenimento ideologias sejam elas políticas, econômicas, culturais que sugerem comportamentos que visam a hegemonia e a manutenção de poderes. Quanto a isso Keller (2001, p.83) afirma “as representações [...] transcodificam os discursos políticos e, por sua vez, mobilizam sentimentos, afeições, percepções e o assentimento a determinadas posições.” Em uma entrevista realizada por PORTO (1997) a GUTIÉRREZ ele coloca que “é preciso educar para se saber reconhecer as certezas e ‘respostas mágicas’ apresentadas na TV e desmistificá-las para ressignificá-las.”

Outro dado relevante foi a idéia de que as crianças possuem de que se todos em seu meio assiste TV e elas não, elas estariam fora dos padrões de comportamento. Demonstrado na resposta de uma das crianças que gostava dos programas *“Pica pau, novela, Seção da Tarde, etc. Gosto porque é engrassado [sic] e todo mundo gosta de assistir uma novelinha e um filminho.”* Por isso é importante que as crianças através da reflexão tenham a possibilidade de sair do hábito para o estranhamento para ultrapassar os conceitos por elas formados e assim ressignificá-los.

Quando perguntadas sobre “o que esta faltando na televisão para crianças”, elas expressaram quais são as suas necessidades, os seus desejos. Quais os tipos de programas que atenderiam aos seus anseios e esclareceriam as suas dúvidas e curiosidades de forma prazerosa, pois é assim que elas percebem a televisão, um meio de entretenimento, de diversão. Isso pode ser visto em algumas respostas dadas por elas. *“Canais melhores!”*, outra colocou *“SKY”* (referindo-se a possibilidade de ter mais canais a disposição em sua televisão), *“Mais coisas*

interessantes que falem da natureza, dos animais”, “Alegria, agitação, moda, como faz para uma pessoa ficar bonita e elegante.”, “Passar desenhos por mais tempo, sem parar!”, “Alegria, humor”, “Ação e aventura!” enfim passar programas educativos, com variedades, curiosidades em um maior espaço de tempo.

Vale ressaltar que quando as crianças são perguntadas sobre o que gostam e não gostam na programação da Tv para crianças elas trazem claramente seus pontos de vista. Colocam o que pensam e isso pode ser verificado nas seguintes frases expressas por elas *“Não gosto da violência das pessoas!”, “Não gosto de ver pessoas que morrem por causa das drogas, maconha.”, “Não gosto de uma parte do jornal que fala de morte!”, “ Não gosto de jornal é muito chato!”, “Gosto porque fala de esporte e perigo!”, “Gosto porque tem conto de fadas e que tem coisas que fala sobre meninas!”, “Gosto porque trabalha a criatividade, as novelas ensinam cada coisa, e os desenhos me divertem!”*. É interessante ressaltar que estes conceitos se originaram da concepção que elas possuem de sua realidade.

Sobre as propagandas as crianças se colocaram da seguinte maneira: *“Acho interessante!”, “Uma idéia para ganhar dinheiro!”, “Muito ruim porque atrapalha o filme, a novela, o desenho que a pessoa esta assistindo!”, “Uns são legais e outros ruins!”, “Na verdade nem sei pra que existe [sic] todos querem assisti [sic] a novela num tempo só.”, “Que demora demais.”*. Fica claro que as crianças cada uma em seu nível de criticidade, complexidade e de conhecimento construíram definições sobre o que vêem. De acordo com as respostas dadas por elas foi possível perceber que muitas delas não conhecem a real função mercadológica das propagandas. Seus interesses pelos comerciais estão voltados para a música ou enunciado curioso, criativo, engraçado veiculado.

Quando perguntadas sobre o que mudariam na televisão as respostas mais freqüentes foram sobre colocar mais programas voltados para o entretenimento e de curiosidades (jogos, religião, musicas, danças, festas, moda, livros, modelos, vídeos engraçados, brincadeiras.) e que não houvesse violência e propaganda.

Os dados coletados através dos questionários indicam que as crianças não são passivas diante do que vêem na TV. As diferentes respostas dadas para as questões demonstram que elas possuem suas idéias sobre o que aprendem na TV. Elas são construídas a partir de sua realidade, de acordo com os níveis de criticidade, criatividade, complexidade e reflexão que possuem. Ficou claro também através das inúmeras respostas dadas a superficialidade argumentativa sobre os conteúdos veiculados pela televisão.

5- CONCLUSÃO

Para a construção de uma análise crítica das crianças de hoje é preciso se voltar para a consciência de que estas estão inseridas em um mundo complexo, de mudanças rápidas e repletas de informações, culturas e tecnologias. E que por conta disso suas experiências sociais também estão cada vez mais complexas

A sociedade atual criou e expandiu diferentes linguagens de comunicação como o cinema, a TV, o rádio, histórias em quadrinhos, revistas, computadores, Internet, entre outras. Estas linguagens reproduzem diariamente nos lares das crianças este mundo complexo por meio da veiculação de informações, conhecimentos, sons, imagens, ideologias, etc., representadas de diversas formas de acordo com a ótica e com os interesses de quem o produz. Nessa convivência das crianças com os meios de comunicação elas vão tecendo novas experiências e novas formas de perceber o mundo, o outro e a si mesmo.

Nessa linha a televisão ocupa um espaço próprio e particular na vida das crianças, principalmente porque é um meio de entretenimento que está presente na maioria dos lares brasileiros independente da classe social (IBGE, 2006). Este mundo complexo está ao alcance das mãos das crianças, basta um ligar de botão da televisão e pronto! A partir daí um mundo mágico, divertido, curioso se abre para elas, cores, sons, informações, conhecimentos, fantasia, imaginação etc. estão a sua disposição.

Sabe-se que diante da televisão muitas crianças têm acesso a diversas informações, nela elas encontram a oportunidade de se divertir, entreter e de responder questões que permeiam a sua vida. A televisão cria e recria um mundo de relações subjetivas, e trás problemáticas, sobre o amor, sobre as relações da amizade, família, trabalho. Trás também como afirma Kellner (2001) representações de raça, gênero, sexualidade, consumando estilos e modos de vida. Ao mesmo tempo oferece respostas para estas problemáticas, como diria Porto (1997) “certezas e propostas mágicas”.

Porém sabe-se que mesmo diante de tanta informação adultos, jovens e crianças quando assistem televisão, cada um de acordo com o seu contexto, em vários níveis de criticidade e complexidade com que elaboram seus pensamentos, constroem e reconstroem suas idéias, ideais, filosofias de vida, posições políticas e posições ideológicas etc., que se traduzem em parte de suas ações.

Sobre isso Duarte, Leite e Migliora (2007) afirmam que as crianças não podem ser consideradas incapazes de construir suas próprias idéias, pois elas pensam sobre o que vêem na TV e aprende. Indo mais além Gomes (1995) coloca que quando as crianças ficam desatentas quando assistem TV não estão passivas, estas estão na verdade, se afirmando enquanto sujeito no processo comunicativo. A aparente desatenção delas refere-se, na verdade, a respostas sutis sobre o que esta sendo veiculado na televisão. Os resultados levantados na observação realizada na casa de Luiza e Natália firmam essa idéia.

Perceber que as crianças constroem seus pensamentos mesmo diante dos mecanismos de sedução que a televisão coloca sinaliza, na verdade, a necessidade existente de se discutir com elas sobre as mensagens midiáticas e sobre as possíveis respostas “mágicas” para as problemáticas da vida que a TV veicula. Tratar a televisão apenas como um instrumento de entretenimento, sem levar em consideração todo o “pacote” que ela veicula, é fechar os olhos para o potencial ideológico que ela possui.

Numa cultura de imagem dos meios de comunicação de massa, são as representações que ajudam a constituir a visão de mundo do indivíduo, o senso de identidade e sexo, consumando estilos e modos de vida, bem como pensamentos e ações sociopolíticos. (KELLNER, 2001,p.21)

A informação não esta unicamente na escola, eia esta na vida, nas relações, nos problemas da vida cotidiana, nos meios de comunicação, principalmente na televisão, por isso não é interessante que a escola se feche ao fenômeno televisivo. Ela deve atuar no sentido de questionar os valores presentes em nossa sociedade atual apresentadas pela televisão e deve colocar a disposição dos

alunos ferramentas reflexivas através do diálogo que levem-nos a um distanciamento crítico sobre suas atitudes. “Que despertem a atenção deles para o que antes não percebiam como também, construir novos sentidos sobre o que é visto, ressignificando-o”.(SALGADO, PEREIRA, SOUZA. 2005, p.10).

O interessante na verdade, não é transpor o aparelho televisivo para a sala de aula, mas aproveitar a cultura, valores, conhecimentos e atitudes o que os alunos obtém em suas casas quando vêem televisão e trazem para a sala de aula. Por isso o fenômeno televisivo e seu papel socializador não devem estar fora dos muros da escola.

É fácil constatar que muitos professores até percebem na prática pedagógica os reflexos espontâneos das aprendizagens adquiridas pelas crianças na televisão manifestas através de roupas, materiais escolares, diálogos, percepções, reprodução de gestos utilizados pelos personagens dos programas da TV, as brincadeiras, etc. Mas o que será que o professor faz diante destas manifestações? Ele questiona, ele problematiza as suas atitudes junto com elas? Promove uma discussão sobre as percepções construídas com o que aprenderam na televisão? Será que ele oferece oportunidades de reflexão e diálogo? Será que o professor junto com as crianças procura através da crítica reflexiva ultrapassar as idéias pré-concebidas das representações que cada um tem da televisão? Este dialogo é fundamental para compreensão das representações constituídas pelas crianças a partir de sua interação com a televisão.

Porto (1997) coloca que os professores também vivem a televisão, mas não a aceitam numa situação formal de ensino. Que ao entrarem na escola são apenas os professores de Química, Português, e não o cidadão que consome a TV. Para que ocorra esta discussão sobre a televisão na escola, aos professores cabe mais uma tarefa entre outras que já possui, conhecer a linguagem específica que a mídia televisiva obedece para poder intervir a partir de outro prisma.”É certo que somente conhecer as condições de produção não garante a tomada de uma postura crítica perante essa produção. [...] Em contra partida, o conhecimento do

processo de produção pode ajudar na construção de uma postura indagadora”.(SALGADO, PEREIRA, SOUZA, 2005, p.9).

Assim ao professor cabe conhecer a cultura da mídia para poder discernir as mensagens, os valores e as ideologias que estão por detrás dos textos da cultura da mídia. Não se preocupar apenas com os conteúdos, mas sim, contribuir no desenvolvimento de indivíduos capazes de estabelecer uma reflexão e assim ressignificar os conhecimentos aprendidos com o que viram na televisão. Sobre isso os Parâmetros Curriculares Nacionais indicam, como objetivos gerais do ensino fundamental (1ª a 4ª série), que os alunos, sejam capazes de:

Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas; saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos; (BRASIL, Pcn's.1997)

Kellner (2001) trás que quando as pessoas aprendem a perceber o modo como a cultura da mídia transmite as representações de classes, raça, gênero, sexualidade, etc., são capazes de manter uma distância crítica. Esse segundo ele é o papel da pedagogia crítica da mídia. Por isso é importante que os professores conheçam a cultura da mídia para promover juntamente com as crianças uma discussão reflexiva acerca dos mecanismos de representações sociais e ideológicos utilizados pela televisão. Ao professor convêm também aproveitar os conhecimentos, experiências dos alunos, adquiridos através do contato com meios de comunicação, família, amigos, pois certamente as crianças não são passivas diante da televisão. Elas interagem com a televisão e de acordo com o seu contexto e com o nível de criatividade, criticidade e complexidade com que elas constroem suas idéias, elas pensam com o que vêem e aprendem. E esse aprendizado não pode ser ignorado.

Na busca de tentar responder algumas questões vivenciadas na prática e refletir esta realidade para estabelecer um posicionamento crítico sobre o que a televisão

veicula busquei acrescentar o elemento crítico ao olhar de espectadora. Neste processo fui em busca de bibliografias e fui a campo para realizar uma investigação através de questionários e da observação participativa que me possibilitassem pensar o fenômeno televisivo. No processo de elaboração deste trabalho fui percebendo o quão imatura eram as minhas concepções sobre este fenômeno televisivo. A construção deste trabalho me permitiu rever os conceitos que possuía sobre a relação das crianças com a televisão, o importante papel do professor em conferir as crianças alternativas de pensar a televisão e me permitiu, também, conhecer e refletir sobre a televisão um tema muito pouco visto no percurso da Faculdade. Este trabalho ampliou as minhas concepções diante desta realidade complexa, rica e passei a ver a televisão de uma outra ótica, ainda que seja um pouco limitada diante das diversas possibilidades de compreendê-la.

Pude perceber o quão são carentes discussões que tenham como objetivo refletir a televisão e o seu papel na sociedade e na educação. A escola não deve se perder na mera função de reprodução de conteúdos científicos. Como um espaço heterogêneo, de diversidades culturais ela deve possibilitar a discussão, a crítica, o diálogo, enfrentamento de idéias presentes na sociedade atual. A leitura das linguagens, imagens veiculadas pela televisão, como filmes, novelas, desenhos, comerciais, etc., devem estar contempladas na cultura de todas as instituições educativas.

Pensar a televisão e outros meios de comunicação que são ricas fontes de conhecimento e de aprendizado para as crianças é de extrema relevância. Pois a televisão esta aí, na sutileza do entretenimento e informação dando sentido e significado as relações sociais e possivelmente impondo, através de diversos mecanismos, seus interesses mercadológicos.

Diante da responsabilidade social que nós educadores temos, cabe a nós nos mantermos em uma posição de iniciante e buscarmos sempre a qualificação, por meio da formação continuada, para contribuir de maneira efetiva na formação de

indivíduos capazes de discernir as mensagens, as ideologias, os valores, que estão por trás dos textos da cultura da mídia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Heloísa Buarque de. **Consumidoras e heroínas: gênero na telenovela.** Rev. Estud. Fem., jan/abr.2007, vol.15, nº1, p.177-192.ISSN 0104-026X.

BAUDRILLARD, Jean. **Á sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas.** Trad. Suely Bastos. São Paulo: Ed.Brasiliense, 1994, 4º edição.

BELLONI, Maria Luiza. **A televisão como ferramenta pedagógica na formação de professores.** *Educ. Pesqui.*, jul/dez. 2003, vol.29,nº.2, p.287-301. ISSN 1517-9702.

BERGAMO, Alexandre. **Imitação da ordem: as pesquisas sobre televisão no Brasil.** *Tempo soc.*, jun.2006, vol.18, nº1, p.303-328. ISSN 0103-2070.

BRASIL.SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL.**Parâmetros curriculares nacionais : apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília : MEC/SEF, 1997.

DUARTE, Rosália, LEITE, Camila e MIGLIORA, Rita. **Crianças e televisão: o que elas pensam sobre o que aprendem com a tevê.** *Revista Brasileira de Educação*, set/dez. 2006,vol.11, nº33, p.497-510. ISSN 1413-2478.

FERRÉS, Joan. **Televisão subliminar: socializando através de comunicações despercebidas.** Trad. Ernani Rosa e Beatriz A. Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos. **Compulsive television watching in a female adolescent: a case study.** *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 2006, vol.28, nº.2, ISSN 0101-8108.

GOMES, Itania. **A Vilania da tv: mais um mito da classe média.** *In: OLIVEIRA, Marinyse & BRAGA, Ana Livia (orgs.). Janelas e Imagens, Temas de Comunicação e Cultura Contemporâneas.* Salvador: Art-Contemp, 1995 (67-72)

HOINEF, Nelson. **A nova televisão: desmassificação e o impasse das grandes redes.** Rio de Janeiro: Comunicação Alternativa: Relume Dumará, 1996.

IBGE. **Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios.**Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad/2004/comentarios2004.pdf>> Acesso em:26 abr. 08

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.**Trad. Ivone Castilho Benedetti.Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão: a vida pelo vídeo**. São Paulo:Ed. Moderna, 1998.13ª edição. Coleção Polêmicas.

MARTIN-BARABERO, Jésus. **Dos meios as mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Trad. Ronaldo Plito e Sérgio Alcides. 2.ed. Rio de Janeiro:Editora EFRJ, 2003.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa: pesquisa, usos e possibilidades**. Caderno de pesquisas em administração, São Paulo:FEA-USP, jul/dez. 1996, vol.1, n.3.

PORTO, Tânia Maria Esperon. **Relações que a TV e a escola propiciam aos educandos: entrevista concedida pelo Prof. Francisco Gutierrez, em outubro de 1995**. *Rev. Fac. Educ.*, jan/dez. 1997, vol.23, n. 1-2. ISSN 0102-2555.

_____. **As tecnologias de comunicação e informação na escola: relações possíveis... relações construídas**. *Rev. Bras. Educ.*, jan/abr. 2006, vol.11, n.31, p.43-57. ISSN 1413-2478.

REZENDE, Ana Lúcia M. de., REZENDE, Nauro Borges de. **A TV e a criança que Te vê**. São Paulo: Ed. Cortez, 2000. – (Coleção Questões da Nossa Época; v.74).

SALGADO, Raquel Gonçalves, PEREIRA, Rita Marisa Ribes e JOBIM E SOUZA, Solange. **Pela tela, pela janela: questões teóricas e práticas sobre infância e televisão**. *Cad. CEDES*, jan/abr. 2005, vol.25, n. 65, p.9-24. ISSN 0101-3262.

SODRÉ, Muniz. **A Máquina de Narciso: televisão, indivíduo e poder no Brasil**. São Paulo: Ed. Cortez, 1990, 2ª edição.

SOIFER, Raquel. **A criança e a TV: uma visão psicanalítica**. Trad. Iara Rodrigues. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1992.

STZER, Valdemar W. **Os meios eletrônicos e a educação: televisão, jogo eletrônico e computador**. In: CRAEMER, Ute & FRIEDMAN, Adriana (Orgs.) *Caminhos para uma Aliança pela Infância*. Aliança pela Infância, 2003. <<http://www.aliancapelainfancia.org.br/alianca/publicacoes.asp>>

ANEXO



Olá Galerinha! Aqui estão algumas perguntinhas para sabermos o que vocês pensam sobre a televisão! Ok?!

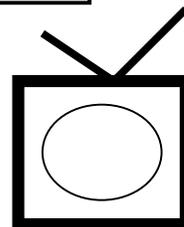
➤ Você gosta de assistir televisão? Porque?

➤ Você assiste televisão todo dia? Quanto tempo?

➤ Quais os programas de televisão que você mais gosta?

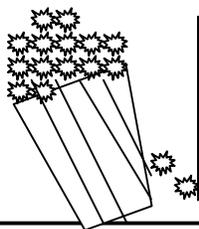
➤ Porque você gosta deste programa, o que tem chama sua atenção?

➤ O que você pensa dos programas de Tevê para crianças?



➤ O que esta faltando na Tevê para crianças?

➤ O que você acha da propaganda na Tevê?



➤ O que você não gosta de ver na Tevê?

➤ Se você pudesse fazer um programa só seu o que você faria? O que mudaria ?

Obrigada pela sua participação!!!



FREITAS, MILENA MAGALHÃES TEIXEIRA DE. MEDIAÇÃO ESCOLAR NA RECEPÇÃO TELEVISIVA: UMA RELEXÃO SOBRE AS REPRESENTAÇÕES CONSTRUÍDAS POR CRIANÇAS ATRAVÉS DA TELEVISÃO. .2008. 34F. IF. MONOGRAFIA (PEDAGOGIA) – FACULDADE DE EDUCAÇÃO. UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, SALVADOR.

Autorizo a reprodução (parcial ou total) deste trabalho para fins de comutação bibliográfica.

Salvador, 20 de Junho de 2008

Milena Magalhães Teixeira de Freitas